

■ CUSTO DE VIDA

Com alta de 8,09% em um ano, cotação média da refeição a quilo chega a R\$ 55,89 em BH. Restaurantes tentam segurar novas altas e consumidor faz malabarismos para comer

Prato mais pesado no bolso

MARINA PROTON

Comer fora de casa está bem mais caro em Belo Horizonte. Em um ano, o preço médio do quilo de comida em restaurantes da capital mineira subiu 8,09%, pulando de R\$ 51,68, em julho de 2021, para R\$ 55,86 este mês. O reajuste foi detectado em pesquisa divulgada ontem pelo site Mercado Mineiro e acompanha os constantes e recentes aumentos dos alimentos no país. A refeição em casa também não anda nada barata e, além dos preços dos ingredientes que a compõem, também sofre a pressão do alta do gás de cozinha (leia mais abaixo).

O levantamento, realizado entre 27 e 29 de julho, aponta também um aumento considerável nos preços cobrados pelo marmitex. Até julho de 2021, o consumidor belo-horizontino precisava desembolsar R\$ 13,81 na marmita menor. No fim do mesmo mês deste ano o preço era 21,85% maior, chegando ao valor médio de R\$ 16,83. Já o marmitex grande subiu, em média, 13,28%, indo de R\$ 18,83 para R\$ 21,33. E para os que preferem o famoso PF (prato feito), o reajuste chegou a 10,53%, com um aumento de R\$ 20,72 para R\$ 22,90.

Os preços mais "salgados" têm afetado diretamente o bolso do consumidor, que precisa adotar estratégias para que a refeição caiba no orçamento. É o caso da coordenadora sindical Fernanda Lillian da Silva, de 49 anos, que depende do almoço fora de casa quase que diariamente. "Antes dava para almoçar mais vezes. Com o valor que pago hoje, dava para almoçar até dois dias. E para tentar economizar, venho intercalando. Alguns dias eu trago (a refeição) de casa e em outros como em restaurantes", contou ao Estado de Minas enquanto esperava na fila de um self-service do Bairro Funcionários, na Região Centro-Sul da capital.



Self-service do Redentor: "A gente não conseguiu reparar tudo", diz funcionário



Fernanda intercala idas ao restaurante com comida feita em casa para economizar

No estabelecimento Tom Brasil, o preço do almoço tem se mantido na média. O proprietário do estabelecimento, Marcos Afonso Araújo, conta que tenta manter o valor enquanto aguarda que as coisas voltem ao normal. "Reajuste em janeiro, hoje nosso valor está em R\$ 55,80 (o quilo), mas não é fácil. Está tudo caro, não tem nada barato mais. Vamos segurando, economizando de um lado e mexendo do outro. Saio muito fim de semana e vejo alguns lugares a mais de R\$ 100, mas penso em quem trabalha e precisa almoçar aqui todos os dias", avaliou.

"A gente vai procurando opções de restaurantes que minimamente estão com um preço mais justo, mas acaba que não tem para onde correr. Você vai

variando e tentando balancear para achar opções", comentou o gerente de vendas Leonardo Batista, de 32.

DIFERENÇAS De acordo com o estudo, a variação de preço entre os restaurantes pesquisados chega a 643%. Parte dessa diferença, entretanto, pode ser creditada à variedade de opções, localização do estabelecimento ou até mesmo à qualidade do produto ofertado, em alguns casos. O preço da comida a quilo, por exemplo, pode chegar a R\$ 119 em alguns casos, sendo R\$ 16 o mais barato.

Em um estabelecimento na Região da Savassi, os reajustes são feitos aos poucos. De acordo com o sócio-administrador, Daniel Ribeiro, o aumento ainda está abaixo do considerado por ele como ideal, mas é

necessário para que seja mantido um "padrão de qualidade".

"Obviamente a gente não conseguiu reparar tudo, mas o que a gente consegue, até acompanhando a questão do mercado, a gente tenta reparar para conseguir manter todo mundo bem empregado, além do nosso padrão de qualidade", disse um dos responsáveis pelo Redentor Bar, onde o preço da comida a quilo está R\$ 79,90.

VALE "CORTADO" Para quem sempre frequenta locais de self-service, os reajustes também significam uma queda no poder de compra envolvendo o vale-alimentação. "O meu acaba mais cedo, não está dando mais para o mês inteiro. Ele chegou a durar mais. Moro em BH há seis meses

percebi, desde que cheguei, um aumento nas coisas. E ainda sou vegetariana, então, teoricamente, o meu prato ficaria mais barato por não comer carne, mas não tem ficado. Tento dar uma equilibrada para economizar durante a semana", contou a administradora Bruna Fernandes Ferreira Tostes, de 30.

O prato feito em BH pode custar entre R\$ 10,99 e R\$ 48, com uma variação de 336%. No caso do marmitex, a diferença alcança 325% para o grande – entre R\$10,99 e R\$46,70 – e 157% para o pequeno – entre R\$ 10,50 e R\$ 27,00. Em relação às bebidas, o levantamento constata uma variação de 100% para o suco natural de laranja, encontrado entre R\$ 4 e R\$ 8, e de 65% para o refrigerante em lata, que pode custar de R\$ 4 a R\$ 6,60.

Variação do preço do gás passa de 56%

CLER SANTOS*

Com a alta do gás para o consumidor, pesquisar antes de comprar pode ser uma saída para driblar o peso do produto no orçamento. Em Belo Horizonte, a variação de preço entre estabelecimentos chega a 56,84%. De acordo com o site de pesquisas Mercado Mineiro, o botijão de 13kg pode custar de R\$ 95 até R\$ 149. Os preços constam em pesquisa divulgada ontem, que foi feita em 100 estabelecimentos entre 27 a 29 de julho de 2022.

O cilindro de 45kg retirado no estabelecimento ou entregue no domicílio pode custar de R\$ 400 a R\$ 598, uma variação de 49,50%. O preço médio do botijão acumula uma alta de janeiro até julho de 7,46%; era R\$ 112 no primeiro mês do ano,

e subiu para R\$ 120,37. O cilindro de 45kg, que em janeiro custava R\$ 431,09, subiu para R\$ 462,91, um aumento de 7,38%.

O analista econômico da Faculdade Arnaldo, Alexandre Miserani, explica que o aumento no preço do gás de cozinha tem vários motivos, por isso, afeta vários lugares. "Inicialmente, a Guerra da Ucrânia. A Rússia é uma grande exportadora de gás, e houve uma diminuição de ofertas do produto para o restante do mundo, para atender ao mercado europeu. Logo, houve uma valorização do gás e dos derivados do petróleo no mercado mundial, pois há menos oferta do que a necessidade de consumo", explicou.

10% do salário mínimo, que é a renda mensal dos brasileiros em média. Isso causa um efeito cascata. Com o gás aumentando, comer fora fica mais caro. E dentro de casa também fica salgado. Há ainda uma preocupação de saúde pública, pois as pessoas estão substituindo o gás de cozinha por álcool, carvão e lenha, por exemplo, aumento do risco de acidentes sérios e até mesmo de morte. O problema é sério, é uma questão de sobrevivência", avaliou.

EM CASA OU NA RUA? Apesar de a pressão no custo das refeições ser vista por toda parte e dos gastos com o gás para cozinhar, o economista defende que comer em casa vai sempre ser a melhor opção. "Comendo em casa, pode-se verificar e con-

trolar o uso do gás de cozinha e quais insumos vão ser utilizados na refeição. Por exemplo, é possível optar por alimentos in natura, sem a utilização de gás, que podem ser ingeridos crus. O que não for proteína, dá para controlar melhor", contou.

Para ele, na rua, o consumidor fica sujeito às opções do mercado, e mesmo que às vezes pague o mais barato, ainda assim não estará economizando. "Está caríssimo. Imagina sustentar os valores de comer fora todos os dias, é insustentável. O ideal é que as pessoas usem a criatividade e evitem comer fora, economizando na escolha de qual alimento vai preparar", finalizou.

*Estagiária sob supervisão do editor Benny Cohen

LEANDRO COURET/DA PRESS - 28/7/22



Botijões de gás em revendedora: preços vão de R\$ 95 a R\$ 149 em Belo Horizonte

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Economia Pagina: 5